



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DA VITÓRIA
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

ELLEN ARIANE NUNES SOARES

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS VOLTADAS À PROMOÇÃO DE HÁBITOS
ALIMENTARES SAUDÁVEIS EM ESTUDANTES COM TRANSTORNO DO
ESPECTRO AUTISTA (TEA) NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Vitória de Santo Antão – PE

2026

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DA VITÓRIA
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

ELLEN ARIANE NUNES SOARES

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS VOLTADAS À PROMOÇÃO DE HÁBITOS
ALIMENTARES SAUDÁVEIS EM ESTUDANTES COM TRANSTORNO DO
ESPECTRO AUTISTA (TEA) NO ENSINO FUNDAMENTAL**

TCC apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico da Vitória, como requisito para a obtenção do título de Licenciatura em Ciências Biológicas.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Zélia de Santana
Coorientador: Prof. Me. Wilson Antonio da Silva

Vitória de Santo Antão – PE

2026

**Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE**

Soares, Ellen Ariane Nunes.

Práticas pedagógicas voltadas à promoção de hábitos alimentares saudáveis em estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no Ensino Fundamental / Ellen Ariane Nunes Soares. - Vitória de Santo Antão, 2025.

39 p.

Orientador(a): Maria Zélia de Santana

Coorientador(a): Wilson Antonio da Silva

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico de Vitória, Ciências Biológicas - Licenciatura, 2025.

Inclui referências.

1. Alimentação saudável. 2. Autismo. 3. Educação e inclusão. 4. Hábitos alimentares. 5. Práticas pedagógicas. I. Santana , Maria Zélia de. (Orientação). II. Silva, Wilson Antonio da . (Coorientação). IV. Título.

370 CDD (22.ed.)

ELLEN ARIANE NUNES SOARES

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS VOLTADAS À PROMOÇÃO DE HÁBITOS
ALIMENTARES SAUDÁVEIS EM ESTUDANTES COM TRANSTORNO DO
ESPECTRO AUTISTA (TEA) NO ENSINO FUNDAMENTAL**

TCC apresentado ao Curso de Licenciatura Ciências Biológicas da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico da Vitória, como requisito para a obtenção do título de Licenciatura em Ciências Biológicas.

Aprovado em: 09/12/2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr. Maria Zélia de Santana (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^o. Dr. Ricardo Ferreira das Neves (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Ma. Crislaine Maria da Silva (Examinador Externo)
Secretaria Municipal de Educação de Cumaru

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por tudo que Ele fez e faz por mim. Tenho a certeza de que, sem Ele, não teria alcançado minhas conquistas. Agradeço por guiar-me em seus caminhos, por me sustentar até aqui e por continuar sendo a minha fortaleza em todos os aspectos da minha vida.

Agradeço de todo meu coração aos meus pais Maria Neuzimar e Robson Soares, por serem minha base e minha maior inspiração. Por lutarem durante toda minha vida para que eu pudesse alcançar lugares mais altos. Obrigada por sempre acreditarem em mim e por me ajudarem a chegar até aqui.

À minha irmã Evelyn Glayce, que me motiva todos os dias a lutar pelos meus sonhos, sendo um exemplo de força e dedicação. Uma mãe inspiradora para os amores da minha vida, meus sobrinhos Miguel, Lucas e Helena, que enchem meus dias de alegria e me lembram, constantemente, o valor do amor e da família.

Agradeço com imensa gratidão a todos os meus familiares que me apoiaram, me acolheram e seguraram a minha mão nessa caminhada. Em especial, à minha avó Maria de Fátima que está comigo em todas as minhas decisões, sempre me apoio e lutando por mim. Às minhas tias queridas do meu coração por cada ato de amor e carinho dedicado a mim.

Agradeço ao meu querido namorado Augusto, por seu meu companheiro em todos os momentos. Por me incentivar a continuar quando pensei em desistir, por segurar minha mão, me ouvir em cada desabafo, cada preocupação e cada “momento de desespero” antes e depois das provas.

Agradeço aos meus amigos de turma, Gabriela, Lívia, Rayza, Winícius, Lindiane, Gislaine, Ruthy, e a todos os outros amigos que tive o privilégio de conhecer na universidade e que fizeram dessa longa jornada uma experiência única, mais leve e divertida. Pois, Cada um contribuiu de forma especial para que essa etapa fosse concluída com muita alegria, companheirismo e motivação.

Agradeço também a todos os meus amigos que estiveram comigo ao longo dessa jornada, em especial a Giulliane, que me acompanha em todos os momentos da minha vida, me apoiando nessa caminhada desde meu ensino médio.

Agradeço a João, Nilton e Namara por me presentearem com meu primeiro notebook para que eu pudesse estudar, fazer meus trabalhos acadêmicos e dar mais um passo em direção ao meu sonho.

A todos os meus professores/as e também colaboradores do Curso de Ciências Biológicas que muito contribuíram no trilhar de mais uma etapa importante em minha vida. Em especial, agradeço com muito carinho e respeito à minha orientadora, Prof.^a Maria Zélia de Santana, pela valiosa orientação ao longo dessa caminhada acadêmica. Uma mulher que é exemplo de humanidade, sabedoria e profissionalismo, qualidades que me inspiram e que desejo levar como referência para a minha vida pessoal e profissional.

Agradeço também ao meu coorientador Prof. Me. Wilson Antonio da Silva, que muito me conduziu na construção deste trabalho.

À Universidade Federal de Pernambuco por me proporcionar oportunidades de desenvolver habilidades profissionais e pessoais. E a todos que com boa intenção, colaboraram para a realização e finalização deste trabalho.

**“Porque dEle, por Ele e para Ele são todas as coisas; glória, pois, a Ele eternamente.
Amém.”**

Romanos 11:36

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo, analisar propostas pedagógicas voltadas à formação de hábitos alimentares saudáveis em estudantes com TEA, destacando o papel das práticas lúdicas no Ensino Fundamental. A pesquisa parte da premissa de que crianças com TEA apresentam comportamentos alimentares atípicos, como seletividade alimentar, o que pode comprometer sua saúde nutricional e desenvolvimento. Considerando a importância da escola como espaço de inclusão e formação integral, o estudo explora a contribuição de ações educativas que envolvam a ludicidade e a adaptação curricular para atender às necessidades específicas desses alunos. A metodologia utilizada baseou-se numa pesquisa bibliográfica em uma revisão qualitativa da literatura científica recente, abrangendo artigos disponíveis em bases como SCIELO, Google Acadêmico e Periódicos CAPES. Os resultados indicam que práticas pedagógicas que integram jogos, atividades sensoriais, envolvimento das famílias e ambientações favoráveis na escola favorecem a aceitação de novos alimentos e fortalecem os vínculos sociais. Então, no contexto escolar não pode restringir-se a recomendações nutricionais ou a simples oferta de alimentos adequados, é necessário considerar que a alimentação envolve não apenas o ato biológico de comer, mas também relações afetivas, sociais, simbólicas e pedagógicas. Por fim, conclui-se que uma atuação pedagógica planejada, sensível às características do TEA e comprometida com a inclusão, pode ser determinante na formação de hábitos alimentares saudáveis e na promoção da qualidade de vida desses estudantes.

Palavras-chave: alimentação saudável; autismo; educação e inclusão; hábitos alimentares; práticas pedagógicas.

ABSTRACT

This study aims to analyze pedagogical proposals focused on developing healthy eating habits in students with ASD (Autism Spectrum Disorder), highlighting the role of play-based learning in elementary education. The research is based on the premise that children with ASD exhibit atypical eating behaviors, such as selective eating, which can compromise their nutritional health and development. Considering the importance of school as a space for inclusion and holistic education, the study explores the contribution of educational actions that involve playfulness and curricular adaptation to meet the specific needs of these students. The methodology used was based on a bibliographic review of recent scientific literature, encompassing articles available in databases such as SCIELO, Google Scholar, and CAPES Journals. The results indicate that pedagogical practices that integrate games, sensory activities, family involvement, and favorable school environments promote the acceptance of new foods and strengthen social bonds. Therefore, in the school context, it is not possible to restrict oneself to nutritional recommendations or the simple offering of appropriate foods; it is necessary to consider that eating involves not only the biological act of eating, but also affective, social, symbolic, and pedagogical relationships. Finally, it is concluded that a planned pedagogical approach, sensitive to the characteristics of ASD and committed to inclusion, can be decisive in the formation of healthy eating habits and in promoting the quality of life of these students.

Keywords: healthy eating; autism; education and inclusion; eating habits; pedagogical practices

Keywords: healthy eating; autism; education and inclusion; eating habits; pedagogical practices.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 OBJETIVOS	13
2.1 Objetivo Geral.....	13
2.2 Objetivos Específicos	13
3 JUSTIFICATIVA	14
4 REFERENCIAL TEÓRICO	15
4.1 O Transtorno do Espectro Autista (TEA)	15
4.2 Educação e inclusão de alunos com TEA.....	16
4.3 O aluno com TEA e a alimentação escolar	18
4.4 A Construção do Hábito Alimentar	19
4.5 Ações lúdicas e pedagógicas com crianças autistas.....	20
5 METODOLOGIA.....	23
5.1 Caracterização do Estudo	23
5.2 Delimitação do estudo.....	23
6 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	25
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS.....	35

1 INTRODUÇÃO

As práticas lúdicas correspondem a atividades que envolvem jogos, brincadeiras e interações recreativas, tendo como finalidade proporcionar prazer e diversão, ao mesmo tempo em que favorecem o desenvolvimento cognitivo, emocional, social e físico dos indivíduos, especialmente no contexto educacional (Ribeiro, 2020). Nesse sentido, a ludicidade constitui-se como um importante recurso pedagógico, capaz de estimular a criatividade, ampliar conhecimentos e promover a interação entre os sujeitos, por meio de estratégias como jogos, música, dança e outras formas expressivas.

O termo *lúdico* tem origem no latim *ludus*, que significa jogo ou brincadeira. Inicialmente, esse conceito esteve associado apenas ao brincar espontâneo e prazeroso. Contudo, ao longo do tempo, sua compreensão foi ampliada, passando a ser reconhecido como um elemento fundamental no desenvolvimento humano, por envolver dimensões cognitivas, emocionais, sociais e motoras (Brougère, 2010). Dessa forma, o lúdico deixou de ser entendido apenas como sinônimo de jogo, assumindo o papel de uma dimensão essencial da psicofisiologia do comportamento humano.

Nessa perspectiva, as práticas lúdicas extrapolam o simples ato de brincar e passam a configurar-se como estratégias pedagógicas intencionais, planejadas com objetivos educativos claros. Tais práticas contribuem significativamente para os processos de aprendizagem, socialização e construção de significados, favorecendo um ambiente educacional mais inclusivo, dinâmico e participativo (Camargo, 2015).

Paralelamente, a alimentação saudável constitui um dos pilares fundamentais para o desenvolvimento físico, cognitivo e emocional de crianças em idade escolar. No contexto do Ensino Fundamental, a escola desempenha um papel estratégico na promoção de hábitos alimentares equilibrados, não apenas por meio da oferta de refeições nutritivas, mas, sobretudo, por meio de práticas pedagógicas que estimulem a formação de uma consciência crítica acerca da saúde, do bem-estar e da qualidade de vida. Essas práticas compreendem um conjunto de ações, métodos e estratégias planejadas pelo professor com vistas à promoção da aprendizagem e ao desenvolvimento integral dos estudantes.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é caracterizado por um conjunto de condições do neurodesenvolvimento que afetam a comunicação, a interação social e os padrões de comportamento, podendo incluir dificuldades sensoriais e seletividade alimentar (Moura, Santos e Marchesini, 2021). Essa última, bastante recorrente entre pessoas com autismo,

impacta diretamente a construção de hábitos alimentares saudáveis e, consequentemente, sua saúde integral. Diante disso, o papel do professor, em articulação com a equipe pedagógica e o núcleo familiar, torna-se essencial para desenvolver estratégias didático-pedagógicas que respeitem as particularidades dos estudantes com TEA e favoreçam sua autonomia e participação ativa nos processos de aprendizagem relacionados à alimentação e à saúde (Leucas, 2024).

A política Nacional de proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (Lei 12.764/2012) na qual a pessoa com TEA passa a ser legalmente considerada Pessoa com deficiência (Brasil, 2012). Esta lei apresenta diretrizes e propostas relacionadas a educação inclusiva, sinalizando que o atendimento a esta população seja realizado preferencialmente nas escolas da rede regular e que as comunidades e equipes escolares devem ser sensibilizadas e qualificadas a receber e atender a esta população em seus processos de inclusão (Brasil, 2012). Também é considerada um marco importante na garantia dos direitos das pessoas com TEA, mas sua efetivação ainda demanda atenção e ações para superar desafios e garantir a plena inclusão e o bem-estar desse público (Brasil, 2012).

A educação da criança nos anos iniciais do ensino, são de extrema importância para a formação intelectual e cultural do indivíduo, de forma que, as Leis de Diretrizes e bases da educação nacional (LDB), através da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, estabelece em seu artigo 4º, que “O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante algumas garantias” entre elas: O Ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria e o atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com necessidades especiais, preferencialmente na rede regular de ensino (Brasil, 2005) entendendo que a educação inclusiva exige uma reflexão crítica sobre sua função na estrutura educacional, a reflexão individual, a constituição de uma rede de apoio formada por diretores, coordenadores, professores e demais profissionais que atuam com casos de TEA. E a forma que o aluno é encarado pelo professor influência nas atividades propostas (Lopes; Telaska, 2022).

Neste contexto, é preciso que se observe como está sendo organizada a temática didático pedagógica e de atuação dos professores em sala de aula, tendo em vista a grande demanda de alunos com TEA que precisam de apoio pedagógico, tanto para o aprendizado curricular, quanto para o entendimento sobre as práticas destinadas ao conhecimento em alimentação saudável, e, assim efetivar planos para que ocorra uma diminuição da seletividade alimentar, pois, ela é bastante comum em crianças com autismo e ocasiona uma alimentação restrita a poucos alimentos, haja visto que, crianças com TEA têm gosto preferencialmente por doces e *fast foods*

e/ou produtos ultraprocessados o que pode resultar na inadequação dos nutrientes e levar à desnutrição, sobre peso, obesidade e, até mesmo, piora dos sintomas comportamentais relacionados ao quadro do TEA (Lima *et al.*, 2024).

Por isso, uma ação colaborativa entre professores, pais e profissionais de saúde é essencial para promover a inclusão e o desenvolvimento de hábitos alimentares saudáveis para estes estudantes. Entender os aspectos envolvidos na alimentação desses indivíduos pode contribuir para a elaboração de abordagens dinâmicas, auxiliando na qualidade de vida dos alunos e seus responsáveis. Já que portadores desse transtorno são os que mais apresentam comportamentos alimentares atípicos, que incluem além da seletividade alimentar, postura perturbadora durante as refeições, repertório alimentar limitado, ingestão restrita ou exagerada, dificuldade em permanecer à mesa durante as refeições, entre outros (Lemes *et al.*, 2023). De modo que, o professor precisa romper a prática de ensino mecanizada, apostilada, pensada no vestibular, para uma compreensão mais ampla, entendendo que o processo de ensino-aprendizagem deve contemplar as relações entre mediação pedagógica, cotidiano e formação de conceitos (Lopes; Telaska, 2022).

A criança com deficiência deve ser considerada como um cidadão, que apesar das suas limitações o mesmo é parte integrante da sociedade e é imbuída de direitos, e como tal, merece todo o respeito e atenção no sentido do acolhimento. Então, é preciso compreender que incluir não se limita apenas a receber a criança com deficiência, mas, sim, promover um acolhimento global em múltiplas dimensões, modificando o espaço, hábitos e processos locais, pois, se as crianças realizam uma ou mais refeições na escola, a atenção à alimentação dos alunos com necessidades alimentares especiais faz parte da inclusão escolar.

Então para responder a essa problemática, foi preciso pensar em como as práticas pedagógicas podem contribuir para melhorar os hábitos alimentares destes alunos e analisar se a prática lúdica é eficiente na formação do hábito.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Analisar propostas pedagógicas voltadas à formação de hábitos alimentares saudáveis em estudantes com TEA, destacando o papel das práticas lúdicas no Ensino Fundamental.

2.2 Objetivos Específicos

- Identificar, na literatura acadêmica, as principais práticas pedagógicas adotadas por professores da rede regular no atendimento a estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no Ensino Fundamental.
- Analisar as estratégias utilizadas pelos docentes para a promoção de hábitos alimentares saudáveis em alunos com TEA, considerando suas especificidades sensoriais, cognitivas e comportamentais.
- Compreender como as práticas lúdicas são abordadas na literatura como recurso facilitador no processo de construção de hábitos alimentares saudáveis em estudantes com TEA.

3 JUSTIFICATIVA

O presente estudo justifica-se pela necessidade de compreender como as práticas pedagógicas podem contribuir para a formação de hábitos alimentares saudáveis em estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no Ensino Fundamental. Considerando que a alimentação exerce papel fundamental no desenvolvimento físico, cognitivo e social das crianças, torna-se essencial refletir sobre estratégias educativas que favoreçam a inclusão e a promoção da saúde nesse contexto.

A escolha do tema se fundamenta na relevância social e acadêmica da discussão sobre inclusão escolar e educação alimentar, especialmente no que diz respeito aos alunos com condições especiais. A escola, como espaço de socialização e aprendizagem, tem papel central na consolidação de comportamentos alimentares, sendo o professor um mediador fundamental nesse processo. Nesse sentido, investigar as propostas pedagógicas utilizadas por docentes da rede regular de ensino pode revelar caminhos para o aprimoramento das práticas educativas voltadas a esse público.

Além disso, destaca-se o potencial das práticas lúdicas como instrumento facilitador da aprendizagem e da adesão a hábitos saudáveis, uma vez que favorecem o engajamento, a interação e a compreensão dos conteúdos de forma significativa. A análise de produções acadêmicas e materiais disponíveis na literatura, tanto impressos quanto digitais, possibilita identificar experiências exitosas e lacunas ainda existentes no processo educativo voltado a estudantes com TEA, contribuindo, assim, para o avanço de uma educação inclusiva, reflexiva e humanizadora.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

Este trabalho será organizado em seções temáticas que abordam: o Transtorno do Espectro Autista (TEA); a educação e a inclusão de alunos com TEA; o aluno autista e a alimentação escolar; a construção do hábito alimentar; e ações lúdicas e pedagógicas voltadas para crianças com TEA. Essa estrutura tem como finalidade facilitar a leitura, promover a fluidez do texto e ampliar a compreensão do tema investigado. Além disso, o estudo contempla, em seu corpo textual, discussões relativas às estratégias utilizadas por professores do Ensino Fundamental para a promoção de hábitos alimentares saudáveis entre os estudantes da rede regular.

4.1 O Transtorno do Espectro Autista (TEA)

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é caracterizado por uma desorganização neural influenciado por múltiplos fatores genéticos, ambientais e imunológicos que desempenham um papel na sua patogênese, de modo a apresentar comprometimento no comportamento como deficiências na interação social, na linguagem, na comunicação e no jogo imaginativo (Magagnin, 2021). E de acordo com Faria e Borba (2024), anteriormente, classificavam-se as diferenças entre as pessoas com TEA em grau leve, moderado ou severo, porém, na atualidade, entende-se que não deve haver níveis classificatórios para designar a pessoa, mas sim classificar o nível de suporte que ela necessita para desempenhar atividades de forma independente na seguinte classificação: Nível 1 de suporte - necessidade baixa de apoio; Nível 2 de suporte - necessidade de apoio substancial e Nível 3 de suporte - necessidade de apoio muito substancial.

Algumas características são imprescindíveis para diagnóstico do paciente com TEA, com destaque para os comportamentos restritos e repetitivos, os prejuízos na interação social e dificuldades na comunicação (Milane, 2023). E, considerando que este transtorno afeta áreas do neurodesenvolvimento que se não diagnosticado precocemente, tende a comprometer o desenvolvimento do indivíduo ao longo de sua vida, o tratamento do autismo deve ser baseado na estimulação do desenvolvimento de funcionalidades, na compensação das limitações funcionais e na prevenção de uma maior deterioração de suas capacidades, reintroduzindo assim a criança no meio social, ao apresentar uma melhora significativa em âmbito emocional, cognitivo e de linguagem (Steffen *et al.*, 2019). Ao longo da vida, as pessoas com TEA e seus familiares costumam enfrentar desafios e dificuldades relacionadas ao transtorno e um desses

desafios é lidar com as consequências causadas por “ser autista” em uma sociedade que por vezes desconhece as suas características e diferenças (Araújo; Silva; Zanon, 2023).

Por isso, a importância do tratamento multiprofissional, para o desenvolvimento psicomotor e social, pois, a criança portadora do TEA irá conviver com o transtorno até os seus últimos dias, já que o mesmo não tem cura e irá necessitar de apoio profissional sempre, tendo em vista que há uma complexidade no cuidar dessas crianças com múltiplos requisitos de atenção e em diferentes espaços. Segundo Steffen *et al.*, (2019), qualquer tratamento voltado para indivíduos com Transtorno do Espectro Autista deve contemplar quatro objetivos fundamentais: estimular o desenvolvimento social e comunicativo; aprimorar o aprendizado e a capacidade de resolução de problemas; reduzir comportamentos que prejudiquem o processo de aprendizagem e o acesso a experiências cotidianas; e oferecer suporte às famílias no enfrentamento das demandas relacionadas ao autismo.

4.2 Educação e inclusão de alunos com TEA

O portador do TEA no espaço escolar é tido como uma criança diferente, que por precisar de apoio pedagógico é considerado problemático e incapaz, mas, o “ser diferente” da maioria pode gerar sentimentos de solidão e de não pertencimento por parte de pessoas com TEA e seus familiares, tendo estes que se mobilizarem em busca de “cura”. Por outro lado, tem-se nas políticas públicas e nos movimentos a favor da inclusão, que abrangem todos os âmbitos de uma sociedade, a problematização sobre o que é ser “diferente” e a busca por transformações sociais (Araujo; Silva; Zanon, 2023). Por isso, a escola caracteriza-se como sendo um importante espaço para o desenvolvimento de competências sociais e cognitivas de crianças, incluindo as com Transtorno do Espectro Autista (TEA) (Weizenmann; Pezzi; Zanon, 2020).

De acordo com Weizenmann; Pezzi e Zanon (2020) a escola como espaço de inclusão deve adaptar-se à diversidade de seu corpo discente, pois ela possui o compromisso do atendimento à diversidade humana, daí a necessidade de adaptar-se às necessidades individuais de seus alunos e, não excluir aqueles julgados como “diferentes” por que isso se reflete no ensino-aprendizagem e nas relações interpessoais estabelecidas no contexto escolar. Já no entendimento de Ferreira e Silva (2024) o contexto educacional e a inclusão escolar constituem temas de grande relevância, uma vez que as crianças com necessidades educacionais especiais têm o direito de frequentar instituições de ensino regular, em igualdade de condições com os demais alunos.

Esse princípio está assegurado pela Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015), que estabelece diretrizes para a promoção do acesso, permanência e participação plena desses estudantes no ambiente escolar. Essa legislação reforça o direito à educação inclusiva e destaca a importância de proporcionar um ambiente educacional adequado e acessível para todos os alunos.

Para Sousa e Alves (2017) o principal desafio da educação é a complexidade do processo de ensino-aprendizagem, porque este é resultante da interação de estruturas neuronais com o ambiente que, ao processar diferentes informações, gera comportamentos que envolvem processos cognitivos, afetivos e sociais (Lima e Angelo, 2024). E apesar do sentimento de despreparo dos educadores frente à inclusão, o acesso de alunos com TEA no ensino comum é uma realidade crescente no país (Camargo *et al.*, 2020).

Diante deste contexto é importante considerar sobre a integração do saber docente à aprendizagem do referido público, e dentre as atribuições definidas para esses profissionais, a primeira é identificar, elaborar, produzir e organizar serviços, recursos pedagógicos e de acessibilidade, além de promover estratégias, considerando as necessidades específicas dos alunos, bem como elaborar e executar o plano de desenvolvimento individual (Lima; Ângelo, 2024). E assim, o ato de incluir um aluno com deficiência em uma escola regular não pode ser visto como um mero ato obrigatório, mas sim como uma prática apoiada em um paradigma educacional voltado à defesa da diversidade e dos direitos humanos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem (Weizenmann; Pezzi; Zanon, 2020).

Para Camargo *et al.* (2020) a inclusão não deve ser vista como condição negativa, e sim como fundamentação e justificativa para adaptação do processo de ensino-aprendizagem já que a educação contribui significativamente para o desenvolvimento psíquico, intelectual, social e emocional de crianças e jovens, assim como as estratégias pedagógicas devem estar fundamentadas nas práticas baseadas em evidências a fim de direcionar as intervenções, tanto na sala de aula regular, quanto no atendimento educacional especializado. E para que ocorra um desenvolvimento educacional desses alunos é essencial uma infraestrutura adequada da escola, um corpo docente qualificado e, também a presença constante da unidade familiar, pois a família desse educando deve acompanhar o dia a dia escolar e promover um diálogo constante entre a rede de ensino e as terapias que a criança realiza no seu cotidiano para que possa realmente haver estímulos que promovam e desenvolvam o aprendizado do educando (Ferreira; Silva, 2024).

4.3 O aluno com TEA e a alimentação escolar

No processo de ensino-aprendizagem, o momento da merenda também assume um papel pedagógico, especialmente quando se trata de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Esse momento vai além da alimentação, constituindo-se como um espaço de aprendizagem, socialização e desenvolvimento de hábitos saudáveis, contudo, alunos com esse transtorno são por sua natureza muito seletivos, e a seletividade alimentar (SA) segundo Sampaio *et al.*, (2013) é caracterizada por um consumo alimentar altamente limitado e extrema resistência em experimentar novos alimentos. Essa seletividade alimentar pode acontecer para qualquer criança, no entanto, é mais comumente relatado em crianças com transtornos do desenvolvimento, especialmente crianças com autismo, do que em crianças com desenvolvimento típico (Uchoa *et al.*, 2024). O estado nutricional do autista depende não só da ingestão alimentar, mas também de processos fisiológicos e metabólicos, como a digestão e a absorção, onde de um lado, as possíveis perturbações metabólicas do autismo podem conduzir a necessidades acrescidas de vitaminas e minerais, por outro lado, situações de recusa e seletividade alimentar são frequentes em autistas o que pode conduzir a um inadequado aporte de micronutrientes (Gomes *et al.*, 2016).

Levando-se em conta que a alimentação tem papel fundamental no desenvolvimento e na saúde de todos os indivíduos e que pode impactar no desenvolvimento e estado nutricional da criança com TEA, abordagens específicas para trabalhar o assunto, podem ser adotadas, na terapia individual, familiar e no âmbito escolar (Milane, 2023) tendo em vista que, a alimentação escolar tem a função de suprir a demanda alimentar do aluno em grande parte do seu dia (Felismino Filho; Targino, 2017).

Nos Parâmetros Curriculares de Pernambuco, os conteúdos relacionados à alimentação, saúde e educação alimentar e nutricional estão inseridos no componente de Ciências, em consonância com a BNCC, abordando a alimentação como parte fundamental da promoção da saúde e da qualidade de vida dos estudantes. O documento atribui ao professor o papel de mediador e orientador do processo educativo, incentivando a adoção de hábitos alimentares saudáveis por meio de práticas pedagógicas contextualizadas, reflexivas e adequadas à realidade dos alunos, ao mesmo tempo em que promove a conscientização crítica sobre o consumo de alimentos pouco saudáveis, sem caráter punitivo, mas formativo e educativo. De acordo com Herculano *et al.*, (2010) a participação da família para o desenvolvimento de hábitos alimentares saudáveis é fundamental já que, as crianças não dispõem de conhecimentos suficientes sobre estes hábitos e a escola tem potencial para estimular hábitos alimentares

saudáveis, através do desenvolvimento de programas educativos que promovam modificações nos alimentos comercializados nas cantinas. Para Giannoni *et al.*, (2023) isso ocorre com o intuito de incentivar o consumo de frutas e vegetais e de acordo com o autor, algumas atividades podem ser realizadas juntamente aos alunos como ação pedagógica dos docentes e lúdicas para os discentes em forma de brincadeiras que podem beneficiar e estimular o consumo de alimentos saudáveis e ainda fomentar a criação do hábito alimentar, através de preparações e da manipulação de frutas minimamente processadas em formato lúdico e com direito a degustação. Desta feita, a escola deve explicar o porquê das alterações realizadas e incentivar a substituição e não simplesmente a proibição. Afinal, não existem alimentos proibidos e sim aqueles que devem ser ingeridos com moderação (Herculano *et al.*, 2010).

4.4 A Construção do Hábito Alimentar

A construção de um hábito alimentar saudável é influenciada por vários fatores como, as preferências individuais, o ambiente familiar, a oferta de alimentos e também as questões sociais e culturais de cada indivíduo. E ainda envolve a adoção de práticas alimentares que sejam pautadas no equilíbrio e na escolha dos alimentos mais nutritivos, por este motivo é que deve acontecer de forma gradual, para que isso se torne um hábito saudável.

Portanto, educadores e professores desempenham um papel importante na criação de um ambiente escolar inclusivo e receptivo às necessidades das crianças com seletividade alimentar (Martins, 2024), já que durante as refeições de crianças seletivas, frequentemente observa-se limitação e recusa da variedade de alimentos, gerando, assim, inadequação alimentar, carência nutricional e até mesmo a desnutrição, que por sua vez pode acarretar outros transtornos alimentares, como a anorexia, e transtornos psicológicos, como a depressão (Duarte, *et al.*, 2021).

Por isso a necessidade de profissionais que possam colaborar com outros profissionais para implementar estratégias de apoio durante as refeições na escola e promover a aceitação de diferentes preferências alimentares entre os colegas (Martins, 2024). Giannoni *et al.*, (2023), relata em seu estudo, o comportamento alimentar sobre preferências alimentares entre adolescentes típicos e com TEA e verificaram que o consumo de frutas, laticínios e hortaliças em um grupo de alunos era bem inferior em relação ao outro que consumiu os alimentos ultra processados como os biscoitos (salgado e doce) que foram responsáveis pelo maior aporte calórico de crianças com TEA, representando 13,5% (247,7 kcal/dia), e o consumo de

frutas e hortaliças representou apenas 4,3% (74,6 kcal) e 0,3% (7,3 kcal/dia) da contribuição calórica total.

Então, a partir deste contexto é possível salientar a importância de uma alimentação saudável, com a inclusão diária de frutas e hortaliças, que são fontes expressivas de prebióticos, vitaminas, fibras e minerais, com características antioxidantes e anti-inflamatórias, às quais auxiliam ainda no controle de peso e doenças correlacionadas à obesidade (Giannoni *et al.*, 2021).

Deve haver a oferta constante dos alimentos diferentes; levar as crianças com TEA para realizar compras e fazer as preparações dos alimentos e que também os pais e/ou cuidadores realizem as refeições junto a elas (Carneiro; Moreira; Lisboa, 2022) assim como também as merendeiras no espaço escolar podem colaborar com nutricionistas e outros profissionais para oferecer opções alimentares saudáveis e variadas que atendam às necessidades específicas das crianças com seletividade alimentar (Martins, 2024).

Nesse contexto, a Educação Alimentar e Nutricional (EAN), é uma área da ciência da nutrição voltada à promoção da alimentação adequada e saudável, que apresenta resultados positivos sobre os hábitos e o comportamento alimentar das crianças em geral e naquelas portadoras de TEA (Milane, 2023). Diante da complexidade e individualidades presentes nas crianças com TEA, é de extrema importância o entendimento de cada fase e anormalidades próprias de cada uma delas para melhor cuidado dietético e avanço do desenvolvimento.

Assim, entendendo a demanda individual pode-se observar quais os comportamentos e padrões alimentares específicos, melhores estratégias para cada um deles, possíveis deficiências e consequências (Carneiro; Moreira; Lisboa, 2022) para melhor interagir e colaborar na construção do hábito alimentar de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

4.5 Ações lúdicas e pedagógicas com crianças autistas

O espaço em que a criança com autismo deve estar deve ser espaço de brincadeiras e um espaço animado e chamativo com cartazes coloridos e imagens que ativam o potencial intelectual e ainda sejam capazes de socializar as mesmas, por isso, a escola é um importante espaço para estabelecer relações entre saúde e educação, o que a torna um local adequado para a promoção da saúde (Dias *et al.*, 2022). Então, o ambiente escolar torna-se muito benéfico para crianças com TEA, pois, quando matriculadas no ensino regular apresentam mudanças

comportamentais positivas, aumento da interação e desenvolvimento da autonomia (Lima *et al.*, 2024).

Para o Serviço de Alimentação Escolar se faz necessário o envio do Laudo Médico descrevendo a situação da criança principalmente sobre as restrições alimentares e a dificuldade alimentar, com a finalidade de desenvolver cardápio específico para ela, e, como elas passam muitas horas do dia expostas a inúmeros estímulos, a decoração da cantina escolar com cartazes coloridos e imagens de alimentos saudáveis, devem existir no intuito de incentivar escolhas alimentares nutritivas (Martins, 2024) constituindo-se assim um local de aprendizagem que propicia, também, o desenvolvimento social dos estudantes (Lima *et al.*, 2024) e o qual também devem oferecer dias temáticos na cantina escolar, destacando diferentes sabores, como um dia de frutas, um dia de alimentos salgados e um dia de alimentos doces (Martins, 2024).

Essa abordagem lúdica deve ser inserida através da utilização de jogos, brincadeiras e atividades recreativas de forma a apresentar os alimentos de maneira divertida e interessante, despertando a curiosidade e o interesse dos alunos pois a ludicidade contribui para o desenvolvimento e aprimoramento intelectual e físico dos autistas, visto que as brincadeiras não são apenas uma forma de diversão, mas, certamente, transmitem informações e conhecimentos auxiliando na concentração e nas aptidões. Já para a avaliação formativa para pessoas com Transtorno do Espectro Autista deve-se buscar estratégias que as ajudem na percepção da evolução da sua aprendizagem (Silva *et al.*, 2019) e (Giannoni *et al.*, 2023).

Então, algumas estratégias utilizadas para manter o sujeito com autismo em sala de aula são, segundo Oliveira; Tomaz e Silva, (2021):

Privilegiar vínculos afetivos; utilizar linguagem objetiva; privilegiar as habilidades individuais; propor pequenas tarefas, mesmo que sejam diversas; incentivar sempre; propor atividades que estimulem o pensamento lógico; adaptar o currículo, as metodologias e o processo avaliativo; evitar atividades muito longas; utilizar jogos; explorar o cotidiano; utilizar abordagens sensoriais (visual, auditivo, cinestésico); propor atividades baseadas no interesse do aluno; utilizar o concreto e o lúdico, mesmo nos anos finais da Educação Básica (p.8).

E quando se fala do TEA, é importante atentar ao fato de que algumas crianças apresentam prejuízos em determinadas funções, sejam elas relacionadas à capacidade do entendimento simbólico ou às habilidades de relacionamento com o outro e com o mundo, de modo a acometer significativamente a ludicidade (Moura, Santos e Marchesini, 2021). Isso se

manifesta em problemas como a falta de contato visual, dificuldade em entender expressões faciais e a tendência a seguir rotinas fixas.

Essas características específicas afetam sua capacidade de se integrar socialmente e podem dificultar sua participação plena na sociedade. No entanto, conviver com as diferenças desde cedo em um ambiente escolar traz diversos benefícios para a formação do indivíduo, pois a inclusão do estudante autista beneficia todos os demais estudantes, tornando-os pessoas mais receptivas à alteridade e com menos atitudes preconceituosas (Leuca, 2024).

Então, para que as propostas de integração no processo de ludicidade ocorram de forma efetiva, se faz necessário o uso de estratégias que possam contribuir com o ensino-aprendizagem de cada aluno com necessidades educativas especiais em sala de aula regular. Dessa forma, acredita-se na manutenção do aluno autista em sala de aula de forma a se desenvolver dentro das possibilidades de suas limitações (Silva *et al*, 2019; Oliveira; Tomaz; Silva, 2021).

E ainda de acordo com Oliveira; Tomaz e Silva (2021) a utilização dessas estratégias depende de fatores como: adaptação do currículo escolar, reformulação do projeto político-pedagógico e formação continuada adequada a essas novas propostas, além, é claro, de estrutura física, de material e de recursos humanos, como determina a legislação educacional brasileira. Assim, crianças que apresentam Transtorno do Espectro Autista (TEA), tem o direito assegurado por lei, para frequentar escolas regulares é visível a falta de suporte pedagógico lúdico para atingir melhores resultados no tocante ao desenvolvimento destes indivíduos. E no que tange a educação esta é carente de capacitação profissional permanente e tais capacitações são de suma importância para inovação de metodologias que favoreçam uma educação lúdica e inclusiva (Ferreira, 2024).

5 METODOLOGIA

A metodologia adotada neste estudo foi organizada em dois eixos principais: a caracterização do estudo e a delimitação da pesquisa. Essa subdivisão tem por objetivo proporcionar uma compreensão mais clara e sistemática acerca dos procedimentos metodológicos empregados, facilitando ao leitor o entendimento sobre o percurso investigativo adotado. Assim, são descritos os fundamentos teóricos e técnicos que nortearam a construção do trabalho, explicitando o tipo de pesquisa, suas etapas, os critérios de seleção das fontes bibliográficas e os parâmetros utilizados para análise dos dados obtidos na literatura.

5.1 Caracterização do Estudo

A metodologia constitui-se como um conjunto articulado de procedimentos técnicos e conceituais que orientam a construção do conhecimento, exigindo um instrumental claro, coerente e elaborado, capaz de enfrentar os impasses teóricos e responder aos desafios da prática (Minayo, 2021). Com base nessa perspectiva, a presente pesquisa caracteriza-se como uma revisão bibliográfica, de abordagem qualitativa, voltada à compreensão aprofundada da realidade educacional de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no Ensino Fundamental, especialmente no que se refere à formação de hábitos alimentares saudáveis.

A seleção do material ocorreu com base na relevância dos estudos para o objeto da pesquisa, bem como na atualidade das publicações, priorizando aquelas que dialogam diretamente com a temática da formação alimentar de alunos com TEA e as práticas pedagógicas no contexto da escola regular. Segundo Minayo (2021), pesquisas de natureza qualitativa buscam compreender fenômenos complexos em sua totalidade, considerando o significado dos processos sociais, históricos e culturais. Já conforme Gil (2022), a pesquisa bibliográfica se desenvolve a partir de materiais já publicados, especialmente livros e artigos científicos, sendo essencial para a fundamentação teórica de investigações acadêmicas.

5.2 Delimitação do estudo

Foram consultados artigos científicos disponíveis em bases de dados reconhecidas, tais como: Periódicos CAPES, SciELO, Google Acadêmico e documentos oficiais publicados pelo Ministério da Saúde. A busca foi orientada por descritores ou palavras-chave usadas na sua maioria em português e previamente definidos, entre eles: “*Transtorno do Espectro Autista*”

“OR” “TEA” “AND” “alimentação escolar; “Alimentação saudável” AND “educação inclusiva”; “Práticas pedagógicas lúdicas” AND “educação alimentar”; “Autismo” AND hábitos alimentares”; “Escola inclusiva” AND “alimentação”; “Nutrição escolar” AND “ensino fundamental” AND “autismo”, empregados separadamente ou combinados, para obter o maior número de produções científicas.

Esta pesquisa foi desenvolvida com o propósito de responder ao problema de pesquisa proposto garantindo a validade dos achados utilizados como base para o alcance dos objetivos do estudo. Para a seleção do material, foram definidos critérios de inclusão e exclusão que orientaram o processo de busca e análise das produções científicas.

Os critérios de inclusão abrangeram artigos originais, disponíveis na íntegra, redigidos em língua portuguesa ou inglesa, com foco nos hábitos alimentares de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no Ensino Fundamental. Optou-se por publicações preferencialmente no período de 2019 a 2025, com o objetivo de assegurar a atualidade científica, considerando os avanços recentes nas áreas da educação inclusiva, nutrição e TEA, bem como a constante atualização das diretrizes pedagógicas e de saúde. A delimitação temporal de aproximadamente cinco anos justifica-se pela necessidade de utilizar evidências contemporâneas, mais alinhadas às práticas e políticas educacionais vigentes.

Por sua vez, os critérios de exclusão compreenderam artigos duplicados nas bases de dados consultadas, publicações fora do escopo da pesquisa, trabalhos incompletos ou estudos experimentais com animais, por não atenderem aos objetivos e à natureza educacional do presente estudo.

A seleção dos estudos ocorreu em etapas: inicialmente, procedeu-se à leitura dos títulos, palavras-chave e resumos, a fim de identificar os materiais pertinentes à temática. Em seguida, foi realizada a leitura integral dos artigos selecionados, visando extrair informações relevantes para a análise e discussão. Os estudos escolhidos, após criteriosa avaliação, serviram de base para a elaboração dos resultados e discussões, articulando as evidências encontradas na literatura e aos objetivos estabelecidos neste trabalho.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O quadro 1 apresenta os principais autores utilizados para fundamentar a discussão acerca das práticas pedagógicas voltadas à promoção de hábitos alimentares saudáveis em estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no Ensino Fundamental. A seleção desses estudos permite compreender, sob diferentes perspectivas, os desafios e as potencialidades relacionadas à alimentação, ao comportamento alimentar e às intervenções pedagógicas destinadas a esse público.

Quadro 1. Autores citados.

AUTORES	ANO	TÍTULO	PUBLICAÇÃO
Uchoa et al.	2024	“Esse menino não come” – Narrativas de mães sobre seletividade alimentar e autismo	Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional
Leucas et al.	2024	Aprimorando a participação: estratégias para apoiar alunos com autismo na educação física escolar	SciELO Preprints,
Lima et al.	2024	Alimentação saudável e inclusiva na escola: um olhar sobre a alimentação escolar para crianças com transtorno do espectro autista.	Revista Contexto & Saúde
Ferreira	2024	A ludicidade no processo de inclusão e aprendizagem de crianças autistas no ensino fundamental.	Revista Escola de Governo de Alagoas
Lemes et al.	2023	Comportamento alimentar de crianças com transtorno do espectro autista.	Jornal Brasileiro de Psiquiatria
Araújo; Silva e Zanon	2023	Autismo, neurodiversidade e estigma: perspectivas políticas e de inclusão.	Psicologia Escolar e Educacional,
Carneiro; Moreira e Lisboa	2022	Hábitos e comportamentos alimentares de crianças com Transtorno do Espectro Autista: Uma revisão integrativa	Research, Society and Development
Dias et al.	2022	Horticultura: educação nutricional e inclusão para alunos com autismo	Brazilian Journal of Development
Duarte et al.	2021	Abordagem interdisciplinar para avaliação e intervenção em dificuldades alimentares no autismo.	Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento
Giannoni, et al.	2021	O alimento como ferramenta de educação, inclusão e terapia para adolescentes com transtorno do espectro autista.	Brazilian Journal of Development,
Ferro et al.	2021	O Lúdico No Processo Inclusivo Do Autista Na Educação Infantil	Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade
Moura; Santos e Marchesini	2021	O brincar e sua influência no desenvolvimento de crianças com transtorno do espectro autista.	Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento
Weizenmann;	2020	Inclusão escolar e autismo: sentimentos e práticas docentes.	Psicologia Escolar e Educacional

Pezzi e Zanon			
Almeida et al.	2018	Consumo de Ultraprocessados e Estado Nutricional de Crianças com Transtorno do Espectro do Autismo	Revista Brasileira em Promoção da Saúde
Ribeiro	2018	Avaliação do nível de conhecimento dos manipuladores/as sobre boas práticas em um “Restaurante Universitário na Cidade do Recife-PE”	Monografia
Felismino Filho e Targino	2017	A influência da merenda escolar na construção de hábitos alimentares saudáveis	Revista Eletrônica Acervo Saúde

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

A discussão aqui apresentada reúne, analisa e articula um conjunto de estudos nacionais recentes que tratam da alimentação, das práticas pedagógicas e dos comportamentos alimentares de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). O objetivo central desta seção é compreender como diferentes pesquisas têm abordado os hábitos alimentares desse público, as influências no contexto escolar e familiar, o papel das práticas lúdicas e das intervenções pedagógicas, bem como as contribuições da merenda escolar e de profissionais responsáveis pela alimentação. Essa análise permite, assim, refletir sobre os desafios e as possibilidades para a promoção de hábitos alimentares saudáveis no Ensino Fundamental, especialmente quando se trata de estudantes diagnosticados com TEA.

Em primeiro lugar, é importante destacar que os autores citados ao longo desta pesquisa e que são provenientes de diferentes campos do conhecimento, como nutrição, educação, terapia ocupacional e estudos multidisciplinares, convergem na compreensão de que os hábitos alimentares são profundamente influenciados por fatores sociais, culturais, econômicos, comportamentais e sensoriais. No caso das crianças com TEA, tais influências aparecem de forma ainda mais acentuada, considerando características específicas relacionadas à seletividade alimentar, à sensibilidade sensorial e a comportamentos repetitivos característicos do transtorno (Lemes et al., 2023).

A seletividade alimentar aparece como um dos elementos centrais discutidos pelos estudos analisados. De acordo com Carneiro; Moreira; Lisboa (2022), o processo de formação do hábito alimentar inicia-se desde os primeiros meses de vida, especialmente durante o aleitamento materno, e é continuamente modificado por fatores ambientais, psicológicos e sociais. No entanto, trabalhos como o de Lima, (2024); Lemes et al., (2023); Uchôa et al., (2024) e outros mais, mostram que, em crianças com TEA, esse processo assume contornos diferenciados, devido à forte presença de aversões sensoriais e preferências rígidas por determinadas propriedades dos alimentos. Os autores destacam que a seletividade alimentar

pode afetar significativamente a qualidade nutricional da dieta dessas crianças, gerando riscos não apenas no presente, mas também ao longo da vida adulta.

As discussões trazidas por Uchoa et al., (2024) reforçam esse entendimento ao apresentarem narrativas de mães de crianças com TEA, que relatam dificuldades diárias relacionadas à alimentação. Os depoimentos maternos revelam a recorrência de comportamentos de recusa, desconforto e até sofrimento durante as refeições, apontando que a experiência alimentar, para muitas famílias, é permeada por tensão e frustração. Os autores mencionam ainda que a seletividade alimentar não é exclusiva do autismo, mas sua prevalência é mais significativa entre crianças com TEA: estudos internacionais indicam percentuais que variam entre 46% e 89%.

Em um levantamento realizado em 2010, pais relataram que 67% das crianças com TEA tinham seletividade alimentar, sendo a textura dos alimentos o fator mais decisivo, seguido por aparência, sabor, cheiro e temperatura. Esse conjunto de dados evidencia que crianças com TEA vivenciam o processo alimentar de forma sensorialmente complexa, o que torna necessárias intervenções interdisciplinares.

A relação entre seletividade alimentar e consumo de ultraprocessados também é um ponto relevante discutido por Almeida et al., (2018). Em sua pesquisa, realizada com crianças com TEA na cidade de São Luís (MA), os autores identificaram que, embora a base alimentar fosse composta por alimentos naturais e minimamente processados, o consumo de ultraprocessados estava fortemente relacionado ao excesso de peso. Surpreendentemente, mais da metade das crianças participantes apresentava sobrepeso ou obesidade, o que aponta para um cenário preocupante, sobretudo considerando que esses alimentos são fonte de sódio, açúcares e gorduras, ingredientes de baixo valor nutricional que podem agravar deficiências já existentes. Os dados revelam, assim, a urgência de intervenções nutricionais voltadas especificamente para crianças com TEA, tendo em vista a necessidade de evitar que a seletividade e a busca por alimentos sensorialmente “seguros” reforcem uma dieta pobre em nutrientes e rica em produtos industrializados.

Nesse sentido, a escola aparece como um espaço privilegiado para intervir na construção de hábitos alimentares mais saudáveis. O estudo de Felismino Filho e Targino (2017) reforça a importância da merenda escolar enquanto instrumento de promoção da saúde e da educação alimentar. A escola exerce forte influência na formação de hábitos alimentares, especialmente entre crianças que, por diversos motivos, consomem alimentos inadequados em casa. A merenda escolar, quando planejada por nutricionistas e elaborada com produtos in natura ou minimamente processados, contribui para romper padrões alimentares inadequados e estimula

o consumo de alimentos protetores como frutas, verduras e legumes. O trabalho destaca ainda que a oferta sistemática de alimentos saudáveis na escola pode atuar como mecanismo de correção alimentar para crianças com TEA, que, muitas vezes, aceitam certos alimentos primeiro no ambiente escolar, por observação dos colegas ou pela rotina estruturada.

Apenas a oferta nutricional não é suficiente. É necessário que a escola desenvolva estratégias pedagógicas que promovam o interesse da criança, a experimentação de novos alimentos e o envolvimento ativo no processo alimentar. Nesse ponto, as contribuições de Ferro et al., (2021) tornam-se fundamentais ao discutirem o papel do lúdico na inclusão e no desenvolvimento de crianças autistas. De acordo com estes autores, práticas lúdicas, como exploração sensorial, jogos pedagógicos, brincadeiras estruturadas, oficinas culinárias e em hortas, são essenciais para promover uma relação positiva com a alimentação e favorecer a socialização. O lúdico atua como mediador afetivo e cognitivo, reduzindo a ansiedade e tornando o momento da alimentação mais atraente e menos ameaçador para a criança. Além disso, práticas lúdicas potencializam habilidades motoras, cognitivas e sociais, promovendo uma aprendizagem integrada.

O estudo de Dias et al., (2022) complementa essa discussão ao apresentar experiências com práticas de horticultura voltadas para estudantes com TEA. O cultivo de plantas e hortaliças, além de promover a educação ambiental, facilita a aproximação das crianças com alimentos in natura. Ao semear, cuidar, regar e colher, os estudantes desenvolvem vínculos afetivos com o alimento, o que pode contribuir para maior aceitação quando ele é oferecido na merenda escolar. A horticultura, nesse sentido, surge como uma atividade concreta, tátil e visual, que auxilia no processo de compreensão e valorização dos alimentos saudáveis, especialmente para crianças que necessitam de estímulos sensoriais estruturados.

Com base nessas reflexões, percebe-se que a promoção de hábitos alimentares saudáveis para crianças com TEA no contexto escolar não pode restringir-se a recomendações nutricionais ou a simples oferta de alimentos adequados (Araújo; Silva; Zanon, 2025). É imprescindível que as escolas implementem estratégias pedagógicas que dialoguem com as necessidades da criança, valorizem a diversidade sensorial, estimulem o lúdico e promovam experiências significativas em torno da alimentação. A atuação do professor é determinante nesse processo: sua observação, sensibilidade e criatividade podem transformar a alimentação em oportunidade de aprendizagem, interação e desenvolvimento (Almeida, 2023).

Além disso, é necessário considerar que a alimentação envolve não apenas o ato biológico de comer, mas também relações afetivas, sociais, simbólicas e pedagógicas. Crianças com TEA frequentemente vivenciam esse processo com maior intensidade, seja pela hiper ou

hiposensibilidade sensorial, seja pela rigidez comportamental. Assim, práticas pedagógicas bem planejadas, associadas a projetos de educação alimentar e nutricional, podem contribuir para ampliar o repertório alimentar dessas crianças, reduzir comportamentos de recusa e promover maior autonomia (Lemes et al., 2023).

Outro ponto relevante que emerge da literatura analisada é a importância da parceria entre escola, família e profissionais de saúde. A seletividade alimentar, muitas vezes, desafia tanto famílias quanto professores, e a ausência de uma abordagem integrada tende a dificultar ainda mais a construção de hábitos saudáveis. Assim, uma atuação interdisciplinar, envolvendo nutricionistas, terapeutas ocupacionais, psicólogos, pedagogos e professores, mostra-se essencial. Os pais, quando devidamente orientados e apoiados, tornam-se aliados fundamentais na continuidade das práticas pedagógicas e no reforço das estratégias iniciadas no ambiente escolar (Duarte et al., 2021).

Nesse sentido, os estudos indicados e revisados, convergem para a compreensão de que a alimentação de crianças com TEA é um fenômeno complexo e multidimensional. A presença de seletividade alimentar, o consumo frequente de ultraprocessados, a dificuldade de aceitação de novos alimentos e os desafios sensoriais e emocionais tornam necessário refletir sobre práticas pedagógicas que transcendam o ensino tradicional (Almeida et al., 2018). A literatura aponta, de maneira consistente, que atividades lúdicas, horticultura, oficinas pedagógicas e a valorização da merenda escolar são estratégias relevantes que contribuem para a formação de hábitos alimentares saudáveis, além de favorecer a inclusão escolar e o desenvolvimento global da criança (Dias et al., 2022).

Desse modo, a partir das discussões apresentadas, é possível afirmar que a promoção de hábitos alimentares saudáveis em estudantes com TEA requer práticas pedagógicas intencionais, afetivas e baseadas em evidências, que reconheçam as especificidades desse público e que sejam desenvolvidas em parceria com famílias e profissionais especializados. O ambiente escolar torna-se, assim, espaço de possibilidades, capaz de favorecer a mudança de padrões alimentares, promover experiências sensoriais positivas e contribuir para o bem-estar e a qualidade de vida da criança (Giannoni et al., 2021).

No contexto escolar, as práticas lúdicas configuram-se como ferramentas essenciais para a inclusão e o desenvolvimento integral de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A literatura especializada destaca que a prática lúdica não apenas amplia as possibilidades de aprendizagem, como também contribui para o fortalecimento das funções cognitivas, sociais, sensoriais e emocionais, aspectos fundamentais para o processo educativo desses estudantes. A inclusão de crianças com TEA, requer um conjunto de recursos

pedagógicos específicos, capazes de respeitar as singularidades desse público e de favorecer experiências educativas significativas (Weizenmann; Pezzi; Zanon, 2020).

Entre os recursos mais mencionados na literatura, destacam-se os brinquedos pedagógicos e os materiais sensoriais, que desempenham um papel estruturante na estimulação cognitiva. Esses materiais ajudam a promover diferentes formas de percepção e interação com o ambiente, auxiliando a criança a desenvolver comportamentos e habilidades que se aprimoram de maneira progressiva. Além disso, os jogos coletivos (queimada, pega-pega, amarelinha e jogos esportivos adaptados) entre outras brincadeiras constituem estratégias centrais no trabalho docente, uma vez que o prazer associado às atividades lúdicas estimula a aprendizagem, favorece a expressão de emoções e potencializa a imaginação, permitindo que o aluno transforme situações concretas em experiências simbólicas. Dessa forma, o lúdico contribui diretamente para que a criança com TEA encontre motivação para participar da dinâmica escolar e se sinta integrada ao cotidiano da sala de aula. (Ferro *et al.*, 2021).

Os jogos de conexão (Rodas de conversa; Brincadeiras de apresentação e integração; Jogos de passar objetos com música, mímicas, etc.), os quebra-cabeças e outras atividades baseadas em resolução de problemas surgem como recursos eficazes para estimular a curiosidade infantil, promover a coordenação motora fina, incentivar o raciocínio lógico e desenvolver estratégias de concentração. Esses jogos permitem que a criança explore, organize e compreenda elementos do ambiente ao mesmo tempo em que desenvolve autonomia para solucionar desafios, fortalecendo sua autoestima e capacidade de enfrentamento (Ferro *et al.*, 2021).

Outro recurso amplamente discutido na literatura refere-se às Terapias de Integração Sensorial (TIS), que utilizam práticas lúdicas cuidadosamente planejadas para reorganizar, estimular e integrar os sistemas sensoriais da criança. Nessa perspectiva, jogos, movimentos, brincadeiras corporais e atividades tátteis são gradualmente complexificados, proporcionando oportunidades para que o estudante desenvolva melhor equilíbrio, consciência corporal, regulação emocional e controle motor. A atuação conjunta entre educadores e terapeutas possibilita que essas práticas sejam incorporadas ao contexto escolar, tornando o ambiente mais acessível, seguro e sensorialmente estimulante (Ferro *et al.*, 2021).

A prática lúdica, portanto, pode representar avanços significativos para crianças com TEA, especialmente nas dimensões do desenvolvimento sensório-motor, da comunicação e da socialização. Além disso, o lúdico desempenha papel importante no aumento da motivação, da autonomia e da autoconfiança, aspectos essenciais para o engajamento escolar. A literatura aponta que, quando associadas a práticas pedagógicas planejadas, as atividades lúdicas

contribuem para ampliar o repertório de interações, reduzir comportamentos de evitamento e favorecer a construção de vínculos entre a criança, seus pares e seus professores (Moura, Santos e Marchesini, 2021). Dessa forma, evidencia-se que o lúdico, ao ser utilizado intencionalmente, transforma-se em um instrumento potente para promover saúde, bem-estar e desenvolvimento integral, contribuindo diretamente para o fortalecimento da inclusão no ambiente escolar (Ferro et al., 2021). Em sequência, apresentamos o Quadro 2.

Quadro 2. atividades específicas com foco em saúde e desenvolvimento físico/social.

Estratégias utilizadas com o lúdico para fins de saúde	
Práticas Lúdica	Benefícios para a Criança com TEA
Dança	Traz melhor coordenação neuromuscular e auxilia na socialização.
Técnicas de Kata (Judô)	Reduzem significativamente as estereotipias.
Exercícios de Estabilização do “Core”	Beneficiam a cabeça e o corpo; fortalecem a musculatura do pescoço, abdômen, pernas e olhos; auxiliam na falta de atenção e inteligência; e melhoram significativamente o equilíbrio estático.
Treinos de Trampolim	Trazem estabilidade e força, coordenação, equilíbrio, velocidade e agilidade.
Exercícios de Baixa Intensidade	Trazem a redução do cortisol, relaxamento e melhora no estresse.
Corrida	Contribui para um melhor desempenho acadêmico.
Exercícios Terapêuticos e Atividades de Lazer	Diminuem o estresse, melhoram a produtividade e promovem melhor interação social.
Jogos Coletivos	Melhoram a comunicação e a socialização com os companheiros de equipe e adversários.
Ações de Psicomotricidade	Promovem melhora significativa em diversas áreas de desenvolvimento motor e social.

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

O uso da ludicidade constitui uma estratégia pedagógica de grande relevância para o processo de socialização de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), especialmente porque a interação social é um dos domínios mais comprometidos nesse público. As práticas lúdicas, ao promoverem situações compartilhadas de brincadeira, movimento e expressão, oferecem oportunidades para que os estudantes participem de ações coletivas de forma espontânea, segura e prazerosa. Nesse sentido, o lúdico atua como mediador entre a criança e o ambiente escolar, reduzindo barreiras comunicacionais e favorecendo a construção de vínculos (Ferreira, 2024).

Os estudos acima citados nesta pesquisa, apontam que a prática lúdica proporciona uma série de benefícios ao desenvolvimento infantil. Entre eles, destacam-se a melhora no rendimento físico, o aumento do conhecimento das capacidades do próprio corpo e a ampliação da percepção corporal na relação com o ambiente externo (Leucas, 2024). Além disso, as práticas lúdicas bem planejadas contribuem para o progresso em diferentes aspectos associados às dificuldades características do TEA, incluindo habilidades sensoriais, motoras, cognitivas e socioemocionais (Giannoni *et al.*, 2021). Outro efeito relevante diz respeito ao prazer e ao fortalecimento da autoestima, fatores que influenciam diretamente a motivação da criança, sua disposição para aprender e sua participação no cotidiano escolar (Ferro *et al.*, 2021).

As pesquisas também indicam que as práticas lúdicas realizadas no ambiente educacional possibilitam que os estudantes com TEA experimentem sensações corporais e vivências simbólicas fundamentais para seu desenvolvimento. Por meio da brincadeira, da imaginação e do movimento, esses alunos ampliam sua capacidade de explorar o mundo, compreender emoções, reconhecer limites e desenvolver repertórios de interação (Moura, Santos e Marchesini, 2021). A literatura reforça que a participação em práticas que envolvem dança, arte, jogos, música e atividades corporais funciona como facilitadora da socialização, permitindo que os educandos expressem comportamentos mais adaptativos e melhorem sua comunicação com os colegas e professores (Ferro *et al.*, 2021).

Desse modo, o lúdico não apenas estimula a aprendizagem, mas também favorece a sociabilidade, a interação e o conhecimento, revelando-se um recurso essencial no processo de inclusão escolar. Ao ser inserido de forma planejada, intencional e sensível, transforma-se em uma ponte entre o estudante e o ambiente educacional, criando condições para que ele se desenvolva de modo integral (Ferreira, 2024).

As estratégias lúdicas funcionam, portanto, como uma espécie de tradutor universal para a criança com TEA dentro do contexto escolar. Jogos, músicas, histórias, movimentos e atividades sensoriais convertem conceitos abstratos e demandas sociais, que usualmente representam barreiras, em experiências concretas, comprehensíveis e prazerosas (Ferro et al., 2021). Assim, a criança encontra um meio seguro para expressar-se, interagir e aprender em seu próprio ritmo. Essa transformação do abstrato em concreto permite que o aluno acesse o conhecimento de maneira significativa, ressignifique comportamentos e se sinta pertencente ao espaço escolar.

Em síntese, a ludicidade se configura como uma via potente para promover inclusão, desenvolvimento e autonomia, contribuindo para que crianças com TEA tenham acesso a experiências educativas ricas, diversificadas e efetivamente humanizadoras (Ferreira, 2024).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em observação a literatura contemplada fica evidente que, as práticas pedagógicas lúdicas no âmbito educacional são de bastante relevância para o crescimento sensório-motor de alunos portadores de Transtorno do Espectro Autista (TEA), e muito já foi feito para que se inclua este aluno na rede regular de ensino, no entanto, muito ainda precisa ser realizado no sentido de garantir melhorias significativas para este público, que muito precisa de cuidados especiais, pois incluir não é apenas colocar este aluno na escola e sim dar o suporte necessário para garantir os seus direitos.

Algumas mudanças devem ser implementadas no sentido de acolher este aluno em um espaço onde ele possa se sentir desejado e sobretudo feliz, pois caso contrário, isso pode denotar rejeição e assim provocar a sua saída da escola. Para isso se faz necessário um corpo docente capacitado e especializado para o cuidado destas crianças que tem significativas diferenciações e individualidades, pois além dos níveis de classificação do autismo existem também as suas diferenças no ensinamento familiar.

Para a execução deste trabalho muito foi lido e observado no que diz respeito às práticas lúdicas nas escolas de ensino fundamental e ficou evidente que pouco é executado este tipo de ensino, seja por falta de especialização docente ou por falta de materiais e espaços adequados para tais práticas, esses dois motivos vão além de suscitar o fato de que se faz necessário uma equipe multidisciplinar que envolve diversos profissionais (professores, assistentes, nutricionistas, pedagogos, merendeiras e em alguns casos, familiares), para que juntos possam colocar em prática um ensino intencional, planejado e sensível às especificidades sensoriais, cognitivas e emocionais dos alunos com Transtorno do Espectro Autista, garantindo que a promoção de hábitos alimentares saudáveis ocorra de forma significativa, inclusiva e contextualizada à realidade escolar.

Assim, mesmo sendo apontado como um recurso com potencial “curativo”, no sentido de promover acolhimento, engajamento e aprendizagem significativa, o lúdico permanece pouco explorado no cotidiano escolar, sendo utilizado de forma pontual e não sistematizada.

O Estado tem papel importante nesta busca, para que estas práticas sejam incluídas no âmbito escolar não tão somente para alunos com TEA, mas também a todos que compõem o corpo discente, tendo em vista o papel social e educador que representa o ato de brincar e aprender brincando. Quanto ao formato educacional dos Estados, de modo geral, observa-se que a educação no ensino fundamental ainda necessita de olhares mais assertivos no que se

refere à inclusão e ao acolhimento dos alunos na rede regular de ensino, especialmente nesse nível de escolarização, no qual se inicia e se consolida o processo de ensino-aprendizagem.

Então, conclui-se que uma atuação pedagógica planejada, sensível às características do TEA e comprometida com a inclusão, pode ser determinante na formação de hábitos alimentares saudáveis e na promoção da qualidade de vida desses estudantes.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Ana Karla de Araújo *et al.* Consumo de ultraprocessados e estado nutricional de crianças com transtorno do espectro do autismo. *Revista Brasileira em Promoção da Saúde*, Fortaleza, v. 31, n. 3, p. 1-10, jul./set. 2018. Disponível em: <https://ojs.unifor.br/RBPS/article/view/7986/pdf>. Acesso em: 15. Jul. 2025.
- ARAÚJO, Ana Gabriela Rocha; SILVA, Mônica Aparecida da; ZANON, Regina Basso. Autismo, neurodiversidade e estigma: perspectivas políticas e de inclusão. *Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo, v. 27, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/S5FdcTLWS9bPdJwPXcdmnHz/>. Acesso em: 28 jun. 2025.
- BRASIL. Senado Federal. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Brasília, 2005. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2025.
- BRASIL. Câmara dos Deputados. *Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012*. Brasília, 2012. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2012/lei-12764-27-dezembro-2012-774838-publicacaooriginal-138466-pl.html>. Acesso em: 29 jul. 2025.
- BROUGÈRE, Gilles. *Brinquedo e cultura*. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2010. (Coleção questões da nossa época; v. 20) Disponível em: https://konektacommerce.nyc3.cdn.digitaloceanspaces.com/TEXT_SAMPLE_CONTENT/bri_nquedo-e-cultura-vol20-89325-1.pdf Acesso em: 17 Dez. 2025.
- CAMARGO, Sandra Regina. *O lúdico na prática pedagógica na educação infantil*. 2015. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino – EaD) - Campus Medianeira, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2015. Disponível em: https://konektacommerce.nyc3.cdn.digitaloceanspaces.com/TEXT_SAMPLE_CONTENT/bri_nquedo-e-cultura-vol20-89325-1.pdf. Acesso em: 17 Dez. 2025.
- CAMARGO, Síglia Pimentel Höher *et al.* Desafios no processo de escolarização de crianças com autismo no contexto inclusivo: diretrizes para formação continuada na perspectiva dos professores. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 36, e214220, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/6vvZKMSMczy9w5fDqfN65hd/>. Acesso em: 29 jul. 2025.
- CAMOZZI, Aída Bruna Quilici *et al.* Promoção da alimentação saudável na escola: realidade ou utopia? *Cadernos de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 32-37, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cadsc/a/PFkMnDStmq3gGH3ggT4gLLv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 3 ago. 2025.
- CARNEIRO, Ana Clara da Silva; MOREIRA, Evellyn Silva; LISBOA, Cinthia Soares. Hábitos e comportamentos alimentares de crianças com transtorno do espectro autista: uma revisão integrativa. *Research, Society and Development*, [S. l.], v. 11, n. 8, 2022. Disponível em: <https://rsdjurnal.org/index.php/rsd/article/download/30976/26609>. Acesso em: 3 ago. 2025.

DIAS, Ana Beatriz Nogueira *et al.* Horticultura: educação nutricional e inclusão para alunos com autismo. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v. 8, n. 5, p. 42111-42128, 2022. Disponível em:
<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/48737/pdf>. Acesso em: 5 mai. 2025.

DUARTE, Cintia Perez *et al.* Abordagem interdisciplinar para avaliação e intervenção em dificuldades alimentares no autismo. *Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento*, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 109-127, 2021. Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-03072021000200006. Acesso em: 5 ago. 2025.

FARIA, Maria Elisa Vaz de; BORBA, Marcia Guaraciara de Souza. Autismo: sinais, níveis de suporte e diagnóstico – uma revisão sistemática de estudos recentes. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, São Paulo, v. 10, n. 6, 2024. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/14706/7549>. Acesso em: 28 abr. 2025.

FELISMINO FILHO, José; TARGINO, Mayra Vieira Pereira. Influência da merenda escolar na construção de hábitos alimentares saudáveis e o papel do nutricionista. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, [S. l.], v. 8, Supl., p. S602-S608, 2017. Disponível em:
<https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/8674>. Acesso em: 28 abr. 2025.

FERREIRA, Luciana Luz. A ludicidade no processo de inclusão e aprendizagem de crianças autistas no ensino fundamental. *Revista Escola de Governo de Alagoas*, Alagoas, v. 1, 2024. Disponível em:
<https://revista.escoladegoverno.al.gov.br/storage/artigos/8juj2Lr6NBnMOqaLlwILXP5kI4G4pALGG5NGSoAe.pdf>. Acesso em: 4 ago. 2025.

FERRO, Marcos Batinga; MENDONÇA, Ana Cláudia Sousa; SILVA, Alene Mara França Sanches. O lúdico no processo inclusivo do autista na educação infantil. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE, 15., Sergipe, 2021. *Anais [...] Sergipe: Universidade Federal de Sergipe*, 2021. Disponível em:
<https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/16411/2/LudicoProcessoInclusivo%20Autista.pdf>. Acesso em: 10. out. 2025.

GIANNONI, Juliana Audi *et al.* O alimento como ferramenta de educação, inclusão e terapia para adolescentes com transtorno do espectro autista. *Brazilian Journal of Development*, [S.I.], v. 7, n. 9, p. 92686-92698, 2021. Disponível em:
[http://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/36437/pdf](https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/36437/pdf). Acesso em: 2 ago. 2025.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2022. Disponível em: <https://ucb.pergamum.com.br/acervo/5047670>. Acesso em: 6 jun. 2025.

GOMES, Vânia Thais Silva *et al.* Nutrição e autismo: reflexões sobre a alimentação do autista. In: ENCONTRO LATINO AMERICANO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 20., 2016, São José dos Campos. *Anais [...] São José dos Campos: Universidade do Vale do Paraíba*, 2016. Disponível em:
https://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2016/anais/arquivos/RE_1176_1333_01.pdf. Acesso em: 30 jul. 2025.

HERCULANO, Thuany Bento *et al.* Alimentação saudável: o papel da escola na construção de novos hábitos. In: ENCONTRO LATINO AMERICANO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 14., 2010. São José dos Campos. *Anais* [...] São José dos Campos: Universidade do Vale do Paraíba, 2010. Disponível em: https://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2010/anais/arquivos/0582_0698_01.pdf. Acesso em: 13 maio 2025.

LEMES, Monike Alves *et al.* Comportamento alimentar de crianças com transtorno do espectro autista. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, Rio de Janeiro, v. 72, n. 3, p. 136-142, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jbpsiq/a/t4CjvXxkH4VvL9qGSZG8MDr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 9 jun. 2025.

LEUCAS, Cláudia Barsand de *et al.* Aprimorando a participação: estratégias para apoiar alunos com autismo na educação física escolar. *SciELO Preprints*, 2024. DOI: [10.1590/SciELOPreprints.8972](https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.8972). Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/8972/16783>. Acesso em: 5 ago. 2025.

LIMA, Isabela Barreiros Pinheiro; ANGELO, Rita di Cássia de Oliveira. Transtorno do espectro autista e aprendizagem: crenças e saberes do professor do atendimento educacional especializado. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 40, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/P74KMqPRv3yjssNMv8C89XJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 jul. 2025.

LIMA, Karen Priscila Oliveira *et al.* Alimentação saudável e inclusiva na escola: um olhar sobre a alimentação escolar para crianças com transtorno do espectro autista. *Revista Contexto & Saúde*, Niterói, v. 24, n. 48, 2024. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoesaudade/article/view/14009/7825>. Acesso em: 27 jun. 2025.

LOPES, Daniele Ardigo; TELASKA, Tatiele dos Santos. Inclusão de crianças com transtorno do espectro autista: revisão sistemática da literatura. *Revista Psicopedagogia*, Campo Largo, v. 39, n. 120, 2022. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862022000300012. Acesso em: 6 mai. 2025.

MAGAGNIN, Tayná *et al.* Aspectos alimentares e nutricionais de crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, e310104, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/WKnc7ffTK4CJzbgbCJRcChS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 6 mai. 2025.

MARTINS, Poliana Cardoso. *Autismo: seletividade alimentar no contexto escolar*. Vitória da Conquista: Os Autores, 2024. Disponível em: <https://www.pmvcb.gov.br/wp-content/uploads/Ebook-AUTISMO-SELETIVIDADE-ALIMENTAR-1.pdf>. Acesso em: 12 mai. 2025.

MILANE, Nayara Cristina. *Ferramenta de ensino de educação nutricional para crianças diagnosticadas com autismo*. 2023. Dissertação (Mestrado) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Campus Ponta Grossa. Orientação: Dr. Luiz Alberto Pilatti. Disponível em: <https://www.ferramentaeducacaonutricionalautista.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2025.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ética das pesquisas qualitativas segundo suas características, 2021. *Revista Pesquisa Qualitativa*. São Paulo, v. 9, n. 22, p. 521-539, dez. 2021 DOI: <http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2021.v.9.n.22.506>
Disponível em: <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/506/290>. Acesso em: 6 jun. 2025.

MOURA, Alanna Moura e; SANTOS, Bruna Monyara Lima do; MARCHESINI, Anna Lúcia Sampaio. O brincar e sua influência no desenvolvimento de crianças com transtorno do espectro autista. *Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento*, São Paulo v. 21, n. 1, 2021. Disponível em:
https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-03072021000100003. Acesso em: 4 ago. 2025.

OLIVEIRA, Suely de Lemos Alves; TOMAZ, Edileuza Braz; SILVA, Robson José de Moura. Práticas educativas para alunos com TEA: entre dificuldades e possibilidades. *Revista Educação Pública*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, 2021. Disponível em:
<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/2/praticas-educativas-para-alunos-com-tea-entre-dificuldades-e-possibilidades>. Acesso em: 18 jun. 2025.

RIBEIRO, Cirila Fernandes Benites. O brincar e a criança. REP's -Revista Even. Pedagóg. Número Regular: Sociolinguística(s), linguagens e sociedade. Sinop, v. 11, n. 2, p. 175-184, ago./dez. 2020.

RIBEIRO, Maria Normaci Nunes. *Avaliação do nível de conhecimento dos manipuladores/as sobre boas práticas em um restaurante universitário na Cidade do Recife-PE*, 2018. Monografia (Graduação em Economia Doméstica) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2018.

SAMPAIO, Ana Beatriz de Mello *et al.* Seletividade alimentar: uma abordagem nutricional. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, São Paulo v. 62, n. 2, p. 164-170, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jbpsiq/a/XMDX3Wc8Xn7XbcYvRfjdSpd/?format=pdf&lang=pt>

SILVA, Antonia Rosemeire Guedes da; FERREIRA, Luis Carlos. Educação Inclusiva: práticas pedagógicas para uma escola sem exclusões, 2024. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 10., 2024, Fortaleza. *Anais [...]*. Campina Grande: Editora Realize, 2024. Disponível em:
https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2024/TRABALHO_COMPLETO_E_V200_MD1_ID5110_TB6384_27102024215752.pdf > Acesso em: 07 jul. 2025.

SILVA, Maria Cristina da; DUHART, Mônica Fernandes Rodrigues; PEREIRA, Patrícia Carolina de Souza. (orgs.). *Práticas pedagógicas inclusivas: transtorno do espectro autista*. Alfenas: Alfenas, 2019. Disponível em:
<https://www.unifenas.br/extensao/cursosonline/praticaspädagogicas/PDFs/TEA.pdf>. Acesso em: 14 mai. 2025.

SOUZA, Anne Madeliny Oliveira Pereira de; ALVES, Ricardo Rilton Nogueira. A neurociência na formação dos educadores e sua contribuição no processo de aprendizagem. *Revista Psicopedagogia*, Fortaleza, v. 34, n. 105, p. 320-331, 2017. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v34n105/09.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2025.

STEFFEN, Bruna Freitas et al. Diagnóstico precoce de autismo: uma revisão literária. *Revista Saúde Multidisciplinar*, [S. l.], v. 6, 2019. Disponível em: <http://revistas.famp.edu.br/revistasaudemultidisciplinar/article/view/91>. Acesso em: 19 jun. 2025.

UCHOA, Bruna Karoline Pereira et al. “Esse menino não come”: narrativas de mães sobre seletividade alimentar e autismo. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, São Carlos, v. 32, e3848, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cadbto/a/VBcYwV9kJ9wjTH7SPkXtQFN/?format=pdf>. Acesso em: 23 abr. 2025.

WEIZENMANN, Luana Stela; PEZZI, Fernanda Aparecida Szareski; ZANON, Regina Basso. Inclusão escolar e autismo: sentimentos e práticas docentes. *Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo, v. 24, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/NwnK5kF4zM9m9XRynr53nwF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 abr. 2025.